

**HELENA SANTOS
PAULA ABREU**

**CULTURAS E CIDADES:
ESPAÇOS, DINÂMICAS, PÚBLICOS.
ALGUMAS PISTAS DE ANÁLISE**

**Setembro de 2000
Oficina nº 152**

**Helena Santos
Paula Abreu**

**Culturas e Cidades:
Espaços, Dinâmicas, Públicos.
Algumas Pistas de Análise**

**Oficina do CES n.º 152
Setembro de 2000**

**HELENA SANTOS
PAULA ABREU**

**CULTURAS E CIDADES: ESPAÇOS, DINÂMICAS, PÚBLICOS.
ALGUMAS PISTAS DE ANÁLISE**

Nº 152
Setembro 2000

Helena Santos
Faculdade de Economia da Universidade do Porto
Paula Abreu
Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia
da Universidade de Coimbra

**CULTURAS E CIDADES: ESPAÇOS, DINÂMICAS, PÚBLICOS.
Algumas pistas de análise.***

* Comunicação apresentada ao *IV Congresso da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional*, Braga, Julho de 1999.

1. "Centricidades" – um enquadramento geral

"Cidades" e "cultura" são duas palavras-chave nas reflexões sobre as mudanças sociais do mundo de hoje. Configuram duas *centralidades*, nos discursos produzidos pelas transformações a que assistimos, enquanto reconfigurações dos espaços, das sociedades, das representações e dos modos de vida (Carlos Fortuna, 1997; Carlos Fortuna *et al.*, 1999). A primeira acolhe uma centralidade territorial, no sentido em que este termo remete para espessuras históricas, sócio-demográficas, económicas e culturais (no sentido antropológico do termo, quer dizer, dimensões profundas e simbólicas das sociedades), e para os modos como essa centralidade se produz, e se reproduz ou transforma, a diversas escalas (da local à global). A segunda, neste contexto, assume principalmente uma centralidade transversal, onde se cruzam materialidade e imaterialidade: a materialidade de um mercado de bens e serviços especificando uma "cultura de consumo", no sentido instrumental e duplo (económico e cultural) da expressão (Featherstone, 1994); e a imaterialidade simbólica e representacional incorporada em obras, bens, serviços e práticas de criação e fruição especificamente "culturais", no sentido clássico do termo. À escala global de representação do mundo e das suas relações, o espaço parece reduzir-se a essas duas centralidades, numa força centrípeta de múltiplos vectores e variados modelos, mesmo que seja para dar conta dos vazios que elas tendem a criar – à sua volta, mas também dentro de si¹...

¹ Vejam-se, por exemplo, as reflexões de Scott Lash e John Urry, sobre as novas *guetizações* e exclusões (1994: pp. 145-170); e também, para uma perspectiva não centrada nas cidades, de Boaventura de Sousa Santos (1994: pp. 70-101 e 119-137).

A "centralidade" da cultura remete-nos, portanto, para um universo de questões onde predomina a ideia de uma crescente *des-materialização* das economias e das sociedades, progressivamente marcadas por processos de comunicação e informação, mais do que pelos seus conteúdos materiais – "economias de signos", para usar a expressão de Scott Lash e Jonh Urry (1994). Mas remete-nos, igualmente, para uma concepção que acentua a espacialização das dinâmicas culturais, de lazer e entretenimento, de *traço marcadamente urbano*², que correspondem não só a novas formas de apropriação dos espaços públicos, de sociabilidade e convívio, e culturas de saída estreitamente ligadas às procuras juvenis, como também a estratégias de intervenção e gestão do espaço urbano que tendem a maximizar os efeitos de reconversão associados ao desenvolvimento de actividades de cultura e lazer.

Um aspecto nuclear daquela centralidade cultural passa, então, pelas indústrias de cultura e lazer, que relevam de uma mais perfeita, digamos assim, mercantilização de processos de produção e difusão: empresariado e iniciativa privada; monopólio e oligopólio do mercado de produção e distribuição à escala mundial; constituição de mercados adjacentes e intersecantes (publicidade e turismo, nomeadamente; e todo um conjunto de indústrias de suporte, como a produção dos discos, ou do material audiovisual), com respectivos alargamentos de corpos de profissionais para-artísticos e para-empresariais (no primeiro caso, referimo-nos às profissões ligadas aos sectores de

² O que não é sinónimo de restrito às cidades. Trata-se de marcar a contraposição entre duas especificidades culturais, uma de raiz localizada, tradicional, adstrita aos meios rurais, e outra, de carácter urbano, moderno, de origem "citadina" – contraposição que marcou a investigação das ciências sociais, em particular na sociologia e na antropologia, sobre as relações entre "o" urbano e "o" rural e as progressivas matizes entre ambos os pólos, cada vez mais categorias

intermediação e suporte das produções; no segundo às especificidades da gestão cultural, num efeito de arrastamento e emergência de novas relações entre o sector cultural tradicional e o sector industrial). As indústrias culturais utilizam privilegiadamente as capacidades dos novos meios de comunicação, informação e gestão, como forma de organização multilocalizada e globalizada, num modelo dominante de "oligopólio com franja"³ – de que o disco, o cinema, a edição constituem os principais sectores, e a televisão o principal *medium*.

Mas impõe-se alguma precaução, neste caldo onde aparentemente tudo caberia, desde que mediatizado – e por aí globalizado. Para além das temperanças necessárias à operacionalização do conceito de globalização – dialéctica, como sempre alertou Anthony Giddens, entre o local e o global –, a mediatização cultural e artística não pode ser tomada em absoluto. As indústrias culturais tendem a ser definidas predominantemente através de critérios relativos à *incorporação tecnológica* dos seus processos de produção e à *massificação* dos seus processos de distribuição. Abrir o olhar, diferenciando escalas e contextos, conteúdos e representações, permite distinguir com maior acuidade segmentos no seu interior e perceber lógicas de complementaridade tensa, entre a reprodutibilidade industrial e a raridade cultural e artística – entre uma orquestração de permanente reciclagem da

de recorte teórico para análises de complexas imbricações do que configurações empíricas absolutas (Fortuna, 1997).

³ A expressão é de B. Reynaud-Cressent, citado por Françoise Benhamou (1996: p. 68), e significa um núcleo duro de grandes empresas que tendem à concentração e ao controlo da distribuição e difusão, e uma franja de pequenas empresas, especializadas, que tendem a assumir, na prática, os riscos da inovação nas indústrias culturais (ver também Maria de Lourdes Lima dos Santos, 1994). Esta "desintegração vertical" crescente fragiliza essas pequenas empresas, baseadas numa extrema flexibilidade organizacional e fortemente concorrenciais entre si por relações privilegiadas com as grandes empresas. Sobre a desintegração vertical da produção e a concentração da distribuição e financeira), como características do pós-fordismo, cf. ainda Lash e Urry, 1994: pp. 113-127.

produção, segundo figurinos testados de recepção transversal, popular e/ou juvenil à escala global (em que o *novo*, justamente, surge em primeiro lugar como *invólucro*); e outra orquestração, de permanente diferença e valorização intrínsecas das actividades de criação cultural e artística em contextos locais (onde *novo* pode pretender significar *experimentação criativa*) (Santos, 1990, 1994; Crane, 1991). Neste sentido, o exemplo do sector cinematográfico é particularmente ilustrativo: a referência ao cinema de autor corresponde menos a uma outra forma de *produzir* filmes (do ponto de vista dos meios humanos, organizacionais e tecnológicos) do que a outros processos de *reproduzir* (na dupla acepção de sentidos e objectivos implicados na sua criação, circulação e apropriação diferenciada e de contextos e circuitos da sua difusão).

As cidades revelam com particular complexidade estas relações entre culturas, indústrias e globalização. O desenvolvimento das cidades e dos seus sistemas urbanos releva de processos de concentração e polarização, não apenas no campo da produção cultural, mas do político, económico e administrativo. Na globalização do mundo actual, as redes estabelecem-se privilegiadamente entre cidades, que funcionam como nós multipolares, interligados por fluxos intensos, favorecendo, em hierarquias próprias – de acordo com a geografia mundial dos respectivos países, e os modos como se desenvolvem as intensidades de fluxos – imagens de *centracidades*, i.e., as cidades como centros do mundo. As grandes capitais acumulam centralidades políticas e económicas e culturais – assim, por exemplo, Londres, Nova Iorque, Paris ou Tóquio. Outras cidades constituem-se como nós dos circuitos culturais e artísticos internacionais, tendencialmente especializados, sem equivalente directo no campo da economia ou da política – assim, entre outras, Veneza

(cinema e artes plásticas) e S. Paulo (artes plásticas) ou Cannes (cinema). A estes casos de extrema visibilidade, e integração em complexos circuitos económico-culturais, podem acrescentar-se outros, de redes menos centrais, mas cujo alcance espacial não corresponde necessariamente a menor latitude: as rotas da banda desenhada de autor, do cinema de animação artesanal, do pequeno teatro independente, da fotografia, por exemplo, são, a seu modo, mundiais (um pequeno mas significativo exemplo: o cinema de animação, na sua rota de eventos de reprodução e consagração, pode ler-se, não sem algum etnocentrismo de partida, como "indo" de Espinho a Hiroshima).

Essas "rotas menores", cuja produção ritualiza, consagra e reproduz dinâmicas menos visíveis de criação e produção, tendem a configurar-se como alternativas, desenvolvendo as vantagens de *duplas periferizações*: a periferia no campo artístico em conjugação com a periferia face à geografia mais nobre produz efeitos de arrastamento importantes: maiores oportunidades de visibilidade, melhores de condições de realização (menor concorrência com outras manifestações, como nos centros maiores) e, naturalmente, reforço da noção de *alternativa* como *diferença na pluralidade* e não como exclusão na hierarquia das artes. Pelo lado das respectivas cidades (e estamos a falar de rotas relativamente instituídas, já com determinadas garantias *a priori*), as externalidades são conhecidas e interligadas: turismo e comércio local; reconstituição simbólica e identitária interna; criação e projecção de um capital-imagem das cidades, que pode não ser exclusivo ao género do evento (dependendo, nomeadamente, das relações entre o reconhecimento dos seus

valores culturais, o enraizamento local e a visibilidade externa – na qual a intermediação jornalística e mediática constitui um factor determinante)⁴.

Indicadores sobre a capacidade de reprodução qualificante e externalizada, ou, pelo contrário, o esvaziamento e a desertificação envolvente, dependerão de equilíbrios precários entre a projecção exterior e, se quisermos, a incorporação interna (onde investimento e regulação políticos têm um importante papel). A "proliferação cultural", em particular de eventos mediáticos nas cidades, pode conter efeitos perversos – assim o subsumia um músico de *jazz*, da cidade do Porto, reclamando que, para festivais e outros grandes acontecimentos "arranja-se sempre dinheiro", mas para uma banda de *jazz* a tocar todos os dias não. Crítica empírica, corroborada por técnicos responsáveis pelos serviços culturais da Câmara Municipal da mesma cidade, a propósito das lógicas de financiamento público, e em particular dos programas de desenvolvimento comunitários, penalizando frequentemente a regularidade – condição de incrustamento local e de consolidação e alargamento das iniciativas – em favor de acções inovadoras. Ainda assim, é de admitir que a experiência da regularidade e persistência temporal de alguns destes acontecimentos em cidades que integram essas outras rotas possam produzir efeitos de criação e acumulação de massa crítica, reflectindo-se na constituição de alguns serviços estruturantes e revertendo a favor da consolidação dos circuitos da produção e difusão cultural e artística mais restrita e especializada e da qualificação urbana (do ponto de vista simbólico e espacial). Parece ser o caso dos dois maiores festivais de fotografia, em

⁴ Cf., para uma ilustração, no quadro de cidades médias do Norte de Portugal, Augusto Santos

Portugal, com alicerces em Braga e Coimbra, onde produziram investimentos em espaços permanentes para actividades expositivas (falamos do recém-criado *Museu da Imagem*, em Braga; ou da *Galeria dos Encontros de Fotografia*, no Pátio da Inquisição, em Coimbra)⁵.

2. Focalização do olhar: cidades e cultura em Portugal

O generalíssimo enquadramento é-nos útil para justificar a pertinência da condução de estudos que partam das cidades, e multipliquem os universos e os dispositivos de observação sobre as lógicas que organizam a produção, circulação e consumo culturais e sobre os processos da sua inscrição em contextos urbanos específicos. No presente caso, focalizaram-se algumas cidades portuguesas do Norte-litoral, que combinam várias periferizações: são, justamente, portuguesas, e de média dimensão; e apenas o Porto assume funções de capital de área metropolitana. Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto constituem os universos parcelares de um conjunto de estudos conduzidos entre 1996 e 1999 sobre dinâmicas e culturas urbanas, práticas e representações culturais, e imagens das cidades⁶.

Silva *et al.*, 1998a: pp.81-82.

⁵ Depoimentos recolhidos no âmbito de uma investigação em curso, debruçada sobre produções culturais intermédias.

⁶ Conduzidos no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra e na Faculdade de Economia do Porto, com vários dispositivos de observação. Foi administrado um inquérito por questionário nas cinco cidades, de que resultaram dois relatórios, sobre o Porto e Aveiro, este último alargado ao concelho (que contaram com o co-financiamento das Câmaras Municipais respectivas – Silva *et al.*, 1998b; Santos *et al.*, 1998); o relatório global sobre as cinco cidades encontra-se publicado no nº 146 da *Oficina do CES*. Paralelamente, desenvolveram-se dispositivos de observação a partir da imprensa e realizaram-se entrevistas a consumidores culturais regulares e a operadores culturais nas cidades. Estes estudos foram financiados pelo Programa Praxis XXI e pela JNICT.

Um primeiro confronto desta perspectiva deriva precisamente do enquadramento empírico. Saber onde "acaba" uma cidade não é um problema novo, e uma das características das cidades consiste justamente na sua dinâmica de crescimento, e portanto, de permanente redefinição de limites, a que as recentes análises sobre os fenómenos de metropolização e "metapolização" vêm trazer interessantes contributos (Ascher, 1998). Mas a riqueza da poderosa imbricação de factores na definição das cidades e das suas áreas de influência e interdependência não pode seguir sem a procura de delimitações territoriais no seu seio. Em Portugal, não há critérios consensuais sobre a delimitação das cidades, e quando elas são centros de concelhos mais vastos (o que só não acontece no Porto), as barreiras tornam-se extremamente imprecisas, e as lógicas de apropriação urbana dos espaços reflectem dificuldades de regulação e de planificação dos centros urbanos⁷.

Mas essa imprecisão de limites não releva apenas da ausência de criteriação rigorosa. À excepção do Porto, a relação daquelas cidades com as áreas envolventes arrasta ambivalências onde as marcas urbanas (de cultura e de recomposição social e económica) se mesclam com profundas marcas rurais, e a realidade da cidade se confunde frequentemente com a realidade do concelho, ao mesmo tempo que se ensaiam formas de projecção externa e de relações intercidades especificamente *urbanas*, e que denotam fraco enraizamento local e regional. Do ponto de vista dos seus operadores culturais, essa ambivalência verifica-se quer no âmbito dos projectos privados, quer das

⁷ Nos estudos referidos, utilizámos uma delimitação em malha larga, combinando a classificação do INE sobre as freguesias nacionais (em urbanas, semi-urbanas e rurais – INE,

políticas públicas municipais – entre dimensões artísticas e dimensões de animação, intervenção e democratização; entre a cultura como emblema e recurso simbólico, e a cultura como patrimonialização estruturante e universalizante – sobressaem debilidades nas estruturas locais de oferta e de política cultural, e nas formas como se assumem parcerias ou protagonismos (Silva, 1995b).

As cinco cidades agora retidas (em que Porto e Braga já haviam sido objecto de estudo recente, noutra quadro⁸) confirmam, *grosso modo*, modificações estruturais das sociedades actuais, e em particular de Portugal: tendências positivas de qualificação socioprofissional e escolar das populações, o que configura uma recomposição em torno das classes médias, com crescente importância das fracções que combinam recursos escolares e técnico-profissionais; e tendências de reconfiguração económica em torno do terciário de serviços. Das cinco cidades, apenas Guimarães não possui, propriamente, universidade – um pólo da Universidade do Minho, que, até agora, parece funcionar sem autonomia e sem efeitos visíveis na cidade. A dimensão das populações universitárias, e o carácter mais ou menos longo da sua existência, condicionarão também esses efeitos⁹.

Olhando para o volume populacional, o gráfico nº 1 dá conta das distâncias entre as cidades: a população do Porto equivale a mais de metade do conjunto

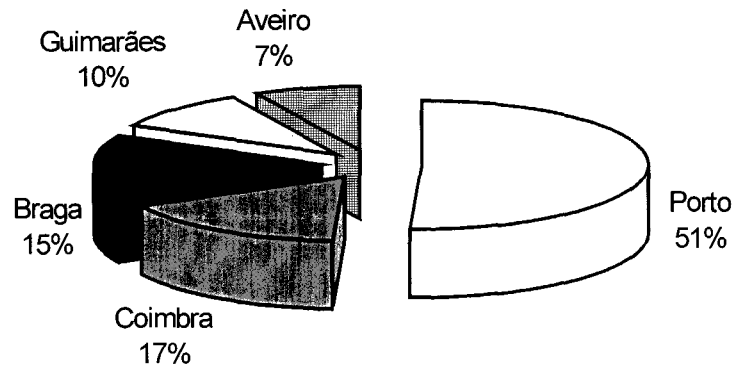
1996), a lista de códigos postais (de 1994), e as indicações dos gabinetes de planeamento urbanos das respectivas câmaras.

⁸ No âmbito do Estudo Estratégico das Cidades do Eixo Atlântico, realizado entre 1993 e 1995. Cf., para análises a partir de alguns resultados, Silva, 1995b e Silva *et al.*, 1998a.

⁹ Por exemplo, através do modo de inserção no espaço da cidade: em Braga e Aveiro, a universidade localizou-se segundo *campus*, ao contrário de Coimbra e Porto, onde se dissemina no interior das cidades.

das cinco cidades: 251 mil habitantes, para 82 mil em Coimbra, 74 mil em Braga, 49 mil em Guimarães e 37 mil em Aveiro.

Gráfico I
População residente nas cinco cidades (em %)



Fonte: Recenseamento Geral da População, 1991

Mas nem a composição social daquelas cidades percorre a mesma hierarquia – que iria, assim colocada, do Porto a Aveiro –, nem os seus efeitos na qualificação cultural das populações a reproduzem fielmente. De facto, naquele contexto, Coimbra apresenta-se como a cidade onde são mais visíveis as marcas de qualificação e terciarização da sua população activa, que o inquérito venceu, com alguma sobre-representação, e onde, correlativamente, a proporção da população com instrução de nível superior é também maior. Guimarães surge, nestes indicadores, a cidade menos favorecida. Do ponto de vista da dotação em equipamentos, dos protagonistas culturais, e das implicações políticas na cultura, o Porto destaca-se neste quadro de cidades. Mas convém não esquecer que, nele, as assimetrias funcionam a seu favor,

sejam elas de que tipo forem (económico-financeiras, político-administrativas, sócio-culturais...¹⁰)

No que diz respeito às práticas e aos públicos culturais, a informação obtida pela administração de um inquérito por questionário nas cinco cidades, em 1997, referenda, em panorâmica, as determinantes sociais mais fortes: à medida que nos afastamos das formas culturais massificadas (cujo ícone fundamental é a televisão) e se aperta o círculo das formas culturais "nobres", restringem-se e sobre-seleccionam-se os gostos, os praticantes e os públicos, mesmo dentro das categorias que, sociologicamente, apresentam características de selecção social (escolarizadas, jovens, profissionalmente qualificadas). Já o haviam denotado outros estudos em Portugal, na continuidade do que fora sendo demonstrado noutros países (dos quais vale a pena salientar a França, por se tratar de um caso exemplar de "Estado cultural", para forjar, neste contexto derivado, a expressão de Marc Fumaroli¹¹). O quadro que apresentamos dá uma ideia grosseira do afunilamento da disseminação de algumas práticas que o inquérito cobria – nomeadamente, a leitura de livros e de imprensa (principalmente semanários), as saídas culturais (cinema, música, teatro, e exposições de artes), a prática de actividade física regular – e permite observar como a penetração da cultura de massas se limita, mesmo em contextos urbanos, à hegemonia transversal dos media audiovisuais clássicos (televisão e rádio).

¹⁰ Cf. Silva, 1995b e 1998a. Para uma recente panorâmica avaliativa das políticas culturais em Portugal, *vd.* Santos (coord.), 1998.

¹¹ Na Área Metropolitana do Porto, há cerca de dez anos (Silva *et al.*, 1995a); na região de Lisboa, por ocasião da Lisboa'94, Capital Europeia da Cultura (Pais *et al.*, 1994); e, para usar apenas a última referência de que dispomos, para a sociedade francesa, a mais recente

**TAXAS DE PRÁTICAS, SEGUNDO A CIDADE DE RESIDÊNCIA
(% SOBRE O TOTAL DE INQUIRIDOS)**

Aveiro	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	84	No último mês, foi pelo menos uma vez:		No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
	Ouve rádio regularmente	73	Ao cinema	24	Um museu de arte	29	
	Costuma ler um/vários:			A uma discoteca	20	Um concerto de música moderna	27
				A um bar com música ao vivo	30	Um concerto de música clássica	15
				A um café/esplanada	89	Um concerto de jazz	7
				Passear num centro comercial	76	Um concerto de música ligeira	23
				Passear no centro da cidade	85	Um festival de folclore	31
	Leu um/vários livros, no último mês	28	Passear no campo	54	Uma exposição de pintura	37	
	Compra regularmente discos	40	Passear num parque	58	Uma exposição de fotografia	23	
	Pratica regularmente uma actividade física	25	Jantar/almoçar em grupo	77	Um espectáculo de teatro	20	
	Tira fotografias	53	A casa de familiares	89	Uma feira de artesanato	67	
	Pratica uma actividade cultural amadora	10	A casa de amigos	85			
			A um jogo de futebol	23			
Braga	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	85	No último mês, foi pelo menos uma vez:		No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
	Ouve rádio regularmente	74	Ao cinema	28	Um museu de arte	27	
	Costuma ler um/vários:			A uma discoteca	28	Um concerto de música moderna	26
				A um bar com música ao vivo	24	Um concerto de música clássica	9
				A um café/esplanada	89	Um concerto de jazz	6
				Passear num centro comercial	78	Um concerto de música ligeira	26
				Passear no centro da cidade	87	Um festival de folclore	37
	Leu um/vários livros, no último mês	21	Passear no campo	51	Uma exposição de pintura	31	
	Compra regularmente discos	28	Passear num parque	57	Uma exposição de fotografia	23	
	Pratica regularmente uma actividade física	26	Jantar/almoçar em grupo	71	Um espectáculo de teatro	16	
	Tira fotografias	41	A casa de familiares	85	Uma feira de artesanato	47	
	Pratica uma actividade cultural amadora	9	A casa de amigos	74			
			A um jogo de futebol	24			
Coimbra	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	86	No último mês, foi pelo menos uma vez:		No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
	Ouve rádio regularmente	65	Ao cinema	27	Um museu de arte	26	
	Costuma ler um/vários:			A uma discoteca	35	Um concerto de música moderna	34
				A um bar com música ao vivo	34	Um concerto de música clássica	12
				A um café/esplanada	81	Um concerto de jazz	8
				Passear num centro comercial	75	Um concerto de música ligeira	25
				Passear no centro da cidade	77	Um festival de folclore	33
	Leu um/vários livros, no último mês	27	Passear no campo	49	Uma exposição de pintura	36	
	Compra regularmente discos	31	Passear num parque	45	Uma exposição de fotografia	30	
	Pratica regularmente uma actividade física	24	Jantar/almoçar em grupo	75	Um espectáculo de teatro	33	
	Tira fotografias	43	A casa de familiares	82	Uma feira de artesanato	54	
	Pratica uma actividade cultural amadora	4	A casa de amigos	82			
			A um jogo de futebol	33			
Guimarães	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	90	No último mês, foi pelo menos uma vez:		No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
	Ouve rádio regularmente	79	Ao cinema	18	Um museu de arte	22	
	Costuma ler um/vários:			A uma discoteca	23	Um concerto de música moderna	25
				A um bar com música ao vivo	28	Um concerto de música clássica	11
				A um café/esplanada	87	Um concerto de jazz	6
				Passear num centro comercial	82	Um concerto de música ligeira	29
				Passear no centro da cidade	87	Um festival de folclore	38
	Leu um/vários livros, no último mês	21	Passear no campo	57	Uma exposição de pintura	26	
	Compra regularmente discos	28	Passear num parque	61	Uma exposição de fotografia	20	
	Pratica regularmente uma actividade física	31	Jantar/almoçar em grupo	72	Um espectáculo de teatro	15	
	Tira fotografias	45	A casa de familiares	90	Uma feira de artesanato	60	
	Pratica uma actividade cultural amadora	8	A casa de amigos	78			
			A um jogo de futebol	25			
Porto	Vê TV todos os dias/quase todos os dias	89	No último mês, foi pelo menos uma vez:		No último ano, foi pelo menos uma vez a:		
	Ouve rádio regularmente	70	Ao cinema	35	Um museu de arte	21	
	Costuma ler um/vários:			A uma discoteca	23	Um concerto de música moderna	15
				A um bar com música ao vivo	32	Um concerto de música clássica	10
				A um café/esplanada	83	Um concerto de jazz	3
				Passear num centro comercial	80	Um concerto de música ligeira	21
				Passear no centro da cidade	81	Um festival de folclore	17
	Leu um/vários livros, no último mês	17	Passear no campo	45	Uma exposição de pintura	19	
	Compra regularmente discos	27	Passear num parque	47	Uma exposição de fotografia	12	
	Pratica regularmente uma actividade física	17	Jantar/almoçar em grupo	84	Um espectáculo de teatro	22	
	Tira fotografias	50	A casa de familiares	91	Uma feira de artesanato	32	
	Pratica uma actividade cultural amadora	5	A casa de amigos	81			
			A um jogo de futebol	26			

aplicação do "Inquérito às práticas culturais dos Franceses", realizada em 1997 (sintetizada em Donnat, 1999).

Uma variável geralmente apontada como factor de discriminação de práticas – e França volta a ser comparação privilegiada, pelos trabalhos que vem publicando no âmbito do Departamento de Estudos e Prospectiva do Ministério da Cultura (desde os anos 70, com a *décalage* normal entre os primeiros estudos e as primeiras publicações) – corresponde à dimensão das aglomerações, e ao favorecimento da propensão ao consumo cultural (em sentido absoluto e em sentido estrito) nas cidades maiores, de que se destacam as capitais. Relevam de efeitos cumulativos de concentrações múltiplas e interdependentes, como aflorámos no início deste trabalho¹².

Neste estudo, contudo, não encontrámos uma relação directa entre dimensão das cidades e, digamos, qualificação cultural dos públicos – como também não era proporcional a sua composição social.

Por um lado, a forte correlação com as características sociais dos inquiridos favoreceria, à partida, Coimbra, o que, em certas práticas, aconteceu – a leitura de semanários, por exemplo. Mas encontrámo-la também em Aveiro; e, concretamente, a penetração do jornal *Expresso* apresentou-se extremamente elevada em Coimbra e Braga (74 e 77% entre os leitores de semanários; respectivamente; em Aveiro e Porto registaram-se 51%; e em Guimarães 24%).

Depois deste exemplo tendencialmente distintivo (que releva das determinantes sociológicas tradicionalmente associadas ao consumo de bens culturais), podemos olhar rapidamente as práticas de forte componente de sociabilidade convival – as saídas para passeio, no parque e no campo, e as

¹² Para o caso de Paris, *vd.* Menger, 1993. Para um ensaio aplicado a Portugal, *cf.* Costa, 1999.

idas a uma feira de artesanato e a um festival de folclore no ano de referência do inquérito – para dar conta de algumas *nuances* que relevam de diferenciais nas densidades urbanas das cinco cidades consideradas. Nas duas primeiras (saídas para passeio, no campo e no parque), acentua-se, pelo tipo de práticas e a sua menor taxa, o carácter mais *urbano* do Porto e de Coimbra – remeterão, genericamente, para representações dos "passeios" nos ambientes urbanizados, provavelmente mais referenciados aos centros comerciais do que aos espaços "naturais", e com percepções mais segmentadas entre a ideia de espaço urbano e espaço não-urbano. As feiras de artesanato ou os festivais de folclore prolongarão ainda essas representações para a estrutura da oferta – no sentido em que, por exemplo, em Aveiro, a feira de artesanato anual constitui um elemento nodal da oferta cultural da cidade, o que não acontece no Porto (onde se realiza mais do que uma feira do género).

Por último, um olhar mais atento sobre cada uma das cidades ilustra especificidades na lógica das hierarquias culturais aplicada às hierarquias das cidades que, de acordo com observações complementares sobre a oferta cultural urbana, reenviam para dinâmicas inerentes à estruturação dos ambientes e mercados culturais locais. Aveiro (associada agora a Guimarães, como veremos) serve-nos, assim, para mostrar como a declaração de frequência de concertos de música clássica (pelo menos uma vez no ano de referência) é a mais elevada das cinco cidades (15% dos inquiridos) – e vai diminuindo por Coimbra (12%), Guimarães (11%), Porto (10%) e Braga (9%).

O inquérito por questionário é, como sabemos, uma técnica rígida, e por isso extremamente exigente em termos de construção e de aplicação,

vulnerabilizando as relações de inquirição às descodificações sociais que os inquiridos produzem acerca do que lhes é questionado – o sentido de uma "feira de artesanato" não será o mesmo em Guimarães, Aveiro, ou Coimbra; do mesmo modo, a penetração de lógicas de hierarquização e diferenciação artística e cultural tende a produzir efeitos de halo, que correspondem a aproximações das respostas às percepções socialmente convenientes¹³. Mas, por outro lado, as modalidades pelas quais se estruturam localmente as ofertas e as procuras não decorrem apenas de lógicas próprias do campo cultural – os espaços e os agentes próprios, em cada caso, contribuirão para alargar ou criar públicos, ou, pelo contrário, para reproduzir barreiras de acesso. No caso do Porto, este inquérito não abrange a Área Metropolitana, que é o espaço por excelência do seu campo de acção e relação – não apenas em termos culturais e de lazer, também dos movimentos quotidianos de trabalho e serviços, as assimetrias a favor do Porto continuam enormes, apesar de denotarem sinais de atenuação, cujos efeitos estão ainda longe de poder ser medidos com rigor. Nas restantes cidades, a relação dos centros urbanos com os seus concelhos envolventes é de outra ordem, porventura simultaneamente mais polarizada, mais permeabilizada e com outro tipo de relações de proximidade identitária. O caso da música clássica, que utilizámos, pode ser ilustrativo: mais uma vez, a maior, mais regular e mais qualificada oferta de espectáculos e concertos encontra-se no Porto (onde existe uma escola superior de música e artes do espectáculo, um conservatório, e vários outros estabelecimentos de ensino

¹³ Um ilustrativo exemplo deste efeito pode conceber-se relativamente às declarações de leitura: na análise dos resultados dos inquéritos às práticas culturais dos franceses (Donnat e Cogneau, 1990), os autores avançavam a hipótese de a leitura deixar, progressivamente de ser

artístico¹⁴), mas não se reflecte na procura declarada. Efeito de diversidade? Diminuição dos "efeitos de halo", perante novas formas de cultura e de lazer? Um pouco, provavelmente, mas sobretudo será no contexto e no ambiente de cada cidade, noutros dispositivos de observação (que estão em curso), que temos de procurar explicações.

O objectivo deste trabalho afigura-se, neste registo generalista e de sinalização mais do que demonstração, atingido: as escalas de abordagem e os contextos específicos em que se desenrolam condicionam – e portanto complexificam – as análises. As relações entre "cidades" e "centralidades" não são, por isso, relações de um só sentido e muito menos circulares. É preciso remeter as cidades às suas escalas e contextos, e precisar as centralidades. Talvez por isso, mais uma vez, vale a pena chamar a atenção para o facto de que a "cultura", especialmente fora dos circuitos mediatizados e industrializados, não se reduz a uma "externalidade natural da centralidade"; por outro lado, é possível produzir algumas centralidades relativamente autónomas de outras. Em Portugal, no domínio dos "estudos culturais", a produção tem aumentado nos últimos anos (a que não será alheia, mais uma vez, a noção de centralidade...), mas muito se encontra ainda por fazer na descoberta crítica de modelos mais ou menos centrais da teoria e da investigação empírica.

tão valorizada pelos inquiridos, e por isso passar a corresponder a declarações mais "fiáveis" da prática de leitura.

¹⁴ Em Aveiro a Universidade administra um curso superior de ensino da música. Abundam, na cidade, escolas ligadas ao ensino musical, em particular no que respeita a associações culturais ligadas à existência de bandas de música.

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA

ASCHER, François (1998), *Metapolis. Acerca do futuro das cidades* Oeiras: Celta.

BENHAMOU, Françoise (1996), *L'Economie de la culture*, Paris, La Découverte.

COSTA, Pedro (1999), "Efeito de «meio» e desenvolvimento urbano: o caso da fileira da cultura", *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 29, 127-149.

CRANE, Diana (1993), *The Production of Culture. Media and the Urban Arts*, London, Sage Publications.

DONNAT, Olivier (1999), "La stratification sociale des pratiques culturelles et son évolution 1973-1997", *Revue Française de Sociologie*, XL-1, 111-119.

DONNAT, Olivier e COGNEAU, Denis (1990), *Les pratiques culturelles des français, 1973-1989*, Paris, La Découverte/La Documentation Française.

FEATHERSTONE, Mike (1994), *Consumer Culture and Postmodernism*, London, Sage Publications, (1ª edição: 1991).

FERRÃO, João; HENRIQUES, Eduardo Brito; NEVES, António Oliveira das, (1994), "Repensar as cidades de média dimensão", *Análise Social*, vol. XXIX, nº 129, 1123-1147.

FORTUNA, Carlos (1995), "As cidades e as identidades: patrimónios, memórias e narrativas sociais", in SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (1995), *Cultura & Economia. Actas do Colóquio Realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 209-230.

FORTUNA, Carlos (1997), "Introdução. Sociologia, cultura urbana e globalização", in FORTUNA, Carlos, (org.) (1997), *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*, Oeiras, Celta, 1-28.

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino; ABREU, Paula (1999), "Espaço público urbano e cultura em Portugal", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 52/53, 85-117.

INE, (1996), *Relatório Sobre os Conceitos de: Urbano, Semi Urbano e Rural*, INE, DCI/Serviço de Coordenação.

LASH, Scott e URRY, John (1994), *Economies of Signs and Space*, London, Sage Publications.

MENGER, Pierre-Michel (1993), "L'hégémonie parisienne. Economie et politique de la gravitation artistique", *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*, 48^e année, nº 6, 1565-1600.

PAIS, José Machado; NUNES, João Sedas; DUARTE, Maria Paula; MENDES, Fernando Luís (1994), *Práticas Culturais dos Lisboetas. Resultados do inquérito realizado em 1994 aos habitantes da Grande Lisboa*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1994), *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Afrontamento.

SANTOS, Helena; FARIA, Margarida Lima de; ABREU, Paula (1998), *Hábitos culturais e práticas de lazer da população do concelho de Aveiro. Resultados de um inquérito*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra/Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

SANTOS, Helena (1999), "A propósito dos públicos e consumidores em contextos específicos", Comunicação ao Colóquio Comemorativo dos 20 anos da Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, CES.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1990), "Reprodutibilidade/raridade: o jogo dos contrários na produção cultural", in *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século. Actas*

do I Congresso Português de Sociologia, volume II, Associação portuguesa de Sociologia/Fragmentos, 369-377.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (1994), "Deambulação pelos novos mundos da arte e da cultura", *Análise Social*, vol. XXIX, n.º 125-126, 417-439.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (1998), *As Políticas Culturais em Portugal – relatório nacional. Programa europeu de avaliação das políticas culturais nacionais*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

SILVA, Augusto Santos; SANTOS, Helena (1995a), *Prática e representação das culturas: Um inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro de Artes Tradicionais.

SILVA, Augusto Santos (1995b), "Políticas culturais municipais e animação do espaço urbano – uma análise de seis cidades portuguesas", in SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Cultura & Economia. Actas do colóquio realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 253-270.

SILVA, Augusto Santos; BABO, Elisa; SANTOS, Helena; GUERRA, Paula (1998a), "Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos de uma difícil relação", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 18, pp. 67-105.

SILVA, Augusto Santos; LUVUMBA, Felícia; SANTOS, Helena; ABREU, Paula (1998b), *Públicos para a cultura, na cidade do Porto*, Coimbra, Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra/Faculdade de Economia do Porto.